04-07-2025

O HOMEM SITUADO

Josué Euclides Hetinguer
(Empreendedor – Economista Doméstico)

Embora o turismo seja vinculado a todos os lugares por que passei, em Genipabu essa era uma nova modalidade que os próprios rapazes (e algumas moças) estavam inaugurando há pouco mais de três décadas..... Cedo, manhã de sol, antes de sairmos para as dunas, tomamos juntos um café e Carlão continuou me falando sobre seu trabalho. A empresa de turismo do Rio Grande do Norte começou a regulamentar a atividade dos bugueiros no final da década de 1980. Foram feitos cursos de qualificação e expedidas as credenciais para o exercício da atividade, o que passou a lhes conferir um status de visibilidade social, segundo palavras dele próprio. Quando ele me perguntou se eu queria fazer a trilha das dunas com emoção ou sem emoção, foi logo explicando que com emoção você voa, sem emoção você anda. Foi uma hora de adrenalina pura, mas não senti medo. Eu estava aprendendo a voar sem medo. ..... Ao me despedir de Carlão perguntei se ele estava feliz com seu trabalho, ele foi pronto: *Muito! Tenho minha casa, uma boa renda, minhas duas meninas Geisa e Gilsiane são lindas e já querem dirigir o buggy. Sou jovem, mas já sou um homem realizado.* ..... Fiquei pensando o quanto é possível ver feliz o homem situado, em condições básicas de normas de convívio entre produção-comunidade-economia. Saí de Genipabu com a sensação de que se a atividade de bugueiro fosse clandestina, irregular, sem a visibilidade social acolhedora o quanto seria caótica aquela atividade econômica local. Hoje, escrevendo sobre minha viagem, vejo que a estrutura do sítio simbólico de pertencimento do Zaoual se aplica objetivamente em Genipabu e seus bugueiros. .....

Hassan Zaoual utiliza três componentes estruturais nos sítios: a caixa conceitual, a caixa preta e a caixa de ferramentas. As caixas são interligadas e às vezes se confundem, mas servem para o propósito maior de dar pessoalidade e singularidade ao sítio. É a partir da forma de estruturação das caixas que a vida fluirá de um modo ou outro na comunidade, no território e nas suas abrangências. .....

Pego o exemplo de Genipabu, mas a análise serve a qualquer um dos sítios que conheci. ..... A caixa preta é uma espécie de inconsciente do sítio. Os fundamentos históricos, com seus símbolos e emoções, estão lá guardados. No caso de Genipabu, por se tratar de uma comunidade bugueira jovem, sua ancestralidade está ligada ao mar, às dunas, ao vento e as sucessivas formas de se vincular e lá sobreviver. A modernização das atividades é uma declaração de amor ao lugar e ao conteúdo da caixa preta: crenças, valores, experiências vividas e memória coletiva. Nela também está a visão holística do sítio e sua visão cósmica. .....

Na caixa de ferramentas situa-se a operacionalização das práticas, seus modos de ação, tecnologias, técnicas e métodos de trabalho. Em Genipabu, cada bugueiro tem sua singularidade e personalidade, seu jeitão, mas há um consenso sobre o conteúdo da caixa. Inclusive, ela é usada nas situações de auxílio e socorro mútuo, em qualquer das variáveis. A solidariedade de classe (e categoria) também reside aí. Finalmente, a caixa conceitual é uma espécie de arquivo de sistematizações das duas caixas, com um nível de modelagem e crítica no contexto social. Arrisco dizer que a caixa conceitual impulsionou a regulamentação da atividade dos bugueiros. O associativismo, coletivismo e, mesmo o corporativismo, quando buscam uma solidariedade objetivada em direitos comuns são bem-vindos porque serão compartilhados por todos. Um dos grandes problemas do empreendedorismo é a "carreira solo". O próprio nome *empreendedorismo individual* é revelador. *Influencers*, *youtubers*, *coachings* etc... são típicos empreendedores que, de certo modo, contradizem a ideologia *hassaniana* de homem situado. Esses são modelos exemplares de homens situados em si mesmo. Enquanto eu me preparava pra sair de Genipabu, passou um bugueiro e me falou: *Bom dia amigo, vam'bora dar um passeio nas dunas?* Disse-lhe que já tinha ido com o Carlão e ele foi direto: *Mandou bem, Carlão é liderança!* E saiu roncando o bugre... Talvez esteja aí a ideia de homem situado. Trabalhadores e trabalhadoras empreendedores situam-se e estabelecem vínculos em seus sítios simbólicos de pertencimento. Essa palavra chave tem uma formosura. Verbo belo. Pertencer é da ordem do acolher que, por sua vez, é da ordem do cuidado. Daí derivam para solidariedade, comunhão e congraçamento, tudo isso muito bonito. Como tudo gira em torno de uma economia heterodoxa, contrahegemônica que desafia essa economia grassante que seria melhor rotulada de desgraçante, temos a luta por algo melhor, como a perspectiva de uma *economia solidária*, em que o modelo globalizante ultraliberal concentrador, monopolista, autoritário, predatório, e demais adjetivos à escolha, é questionado. O orçamento participativo implementado no governo Olívio Dutra do PT Rio Grande do Sul, na década de 1980, aproximava o governo dos sítios simbólicos, a partir da apropriação do planejamento estatal da economia pela população. O reconhecimento da iniciativa pela ONU e Banco Mundial pode ter sido um sinal positivo (ou terá sido de mau agouro?), já que a esquerda praticamente abandonou o projeto. Essa é mais uma demonstração da dificuldade da esquerda em dialogar de forma estrutural e permanente com as populações em seus territórios sobre as questões econômicas. Pensamentos voando nas dunas do meu cérebro e a viagem começando a terminar. ■■■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.